

# Fogo brando

Em Goiás Velho, no apagar das luzes, rufam os tambores e uma colorida multidão medieval invade as ruas coloniais: vai passar a procissão do Fogaréu

Texto e fotos | Victor Moriyama

Lore archill acepedit landam, sunda  
cullupt atemporeius eaquiscit litatin  
ihilis res destintotat. Sunt inti



esquina qualquer, um bar toca música sertaneja em alto volume – o bispo parece nem escutar. Na porta da igreja, faz questão de receber todos os fiéis. “As pessoas aqui são muito devotas”, comenta, entusiasmado.

Certa candura envolve a atmosfera na igreja interiorana. A celebração reúne pessoas de perfil social muito distinto. Fazendeiros de chapéu encostam suas picapes modernas e desembarcam a família numerosa; casais vestidos com chinelos surrados, acompanhados dos filhos, vêm da roça para a missa da semana. Quando a celebração tem início, acompanho tudo da primeira fileira dos bancos, com a permissão de Dom Eugenio para fotografar. “Guarde forças para amanhã, meu jovem”, diz, em uma despedida amistosa.

### O Fogaréu é aceso

É quarta-feira. Pelas ruas tombadas, sinal algum de multidão. A calma me faz duvidar de que, em poucas horas, Goi-

ás Velho vai estar tomada por milhares de fiéis vindos de diversas regiões do país e do mundo. “Você vai ver. É lindo”, reforça Flávia Rabello, funcionária da prefeitura local, enquanto me dá uma carona até a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT), entidade responsável por resgatar a prática da procissão do Fogaréu na cidade.

A retomada teve início na década de 1960. Naquela época, me conta Elder Camargo dos Passos, organizador do Fogaréu, “um grupo de amigos se juntou com a ideia de promover nossas tradições culturais e fomentar o turismo”. Depois de muita pesquisa, foi descoberto um registro da presença dos farricocos (pessoas que acompanhavam as procissões de penitência vestidas de hábitos pretos com capuz) nas celebrações da Semana Santa na cidade de Goiás em um livro datado de 1700. Inspirados pelo achado, “decidimos resgatar a tradição do Fogaréu”, explica Passos. “E resolvemos incrementar com roupas coloridas para

Id qui niaepe  
poria esequunt  
doluptatia  
consequi  
occupate et  
ped eum ullatur,  
omnit harchit,  
iumquam aut  
doleseque



Id qui niaepe  
poria esequunt  
doluptatia  
consequi  
occupate et  
ped eum ullatur,  
omnit harchit,  
iumquam aut  
doleseque

Um cachorro dorme na imensa sombra projetada pela igreja da Boa Morte, uma das principais em estilo barroco da cidade de Goiás. Além de partilhar do mesmo nome do estado que o abriga, o município também é famoso por ter sido declarado Patrimônio Histórico e Cultural pela Unesco em 2001, graças à sua arquitetura barroca original em ótima conservação. Sob o sol forte do Centro-Oeste do Brasil, além das fachadas das igrejas com traços grandiloquentes (e de cenas prosaicas como a do cão preguiçoso deitado à sombra), apenas os sinos das igrejas destoam da austeridade local. Mas isso está prestes a mudar: em poucos dias, vai ter início a procissão do Fogaréu, e uma multidão encapuzada promete roubar das ruas a tranquilidade reinante.

A cada ano, o Fogaréu atrai um número maior de visitantes. Em 2013, 5 mil pessoas acompanharam o cortejo, que é considerado o ápice das comemorações da Semana

Santa em Goiás Velho (como a cidade também é conhecida). Aglomeração comparável por estas bandas, só mesmo no século 18, quando o ouro nas entranhas da terra seduzia mineradores afoitos e impulsionava expansão colonial. Daquele tempo, restaram as seis igrejas locais, o calçamento histórico, as tradições católicas e as festividades religiosas. A principal delas: a procissão do Fogaréu.

O crescimento avassalador das igrejas evangélicas em todo país parece não assustar o bispo Dom Eugenio Rixen, sacerdote de origem belga e fala mansa. Ele me conta, enquanto se prepara para celebrar a missa, que “nesta cidade as diferentes crenças convivem em harmonia”. Clérigo responsável pela catedral de Santa’Anna, construída em 1727 e localizada na praça central de Goiás, Dom Eugenio avisa que a missa das 19 horas vai estar lotada. Pouco antes disso, saio para acompanhar de fora a entrada do público. Perto dali, em uma

Lore archill accepit landam,  
sunda cullupt atemporeius  
eaquiscit litatin ihilis res  
destintotat. Sunt inti



distinguir cada farricoco moderno.”

As pesquisas do grupo liderado por Passos ainda revelaram que o Fogaréu em Goiás Velho foi realizado durante um longo período, estendendo-se até o final do século 19, quando a tradição é interrompida (para ser recuperada em 1966). Herança ibérica, a ocorrência histórica da procissão do Fogaréu já foi identificada em outros lugares do Brasil e se mantém até hoje em cidades de Portugal e Espanha, sempre com a mesma simbologia: representar o calvário de Jesus em Jerusalém.

Em Goiás Velho, os trajes coloridos de capuzes pontiagudos caíram feito luva. “Hoje o Fogaréu está enraizado na cultura local”, diz Passos. Encontro uma prova disso antes mesmo do início da procissão. Na escola primária Letras de Alfenim, onde por volta das 17 horas os professores organizam o “Fogareuzinho”, crianças entre 4 e 12 anos se vestem à semelhança dos farricocos. Com tochas feitas de garrafas plásticas pintadas de laranja, os pequenos

saem pelas ruas da cidade em uma mini-comitiva.

Boa parte dos alunos não tem idade suficiente para compreender o porquê daquelas roupas coloridas e tampouco seu significado real, no entanto paira no ar um clima de alegria, com risadas e brincadeiras contagiantes. As mães, entusiasmadas, fotografam compulsivamente seus filhos e colegas. “Você pode bater uma foto com meu filho?”, me pergunta uma delas eufórica.

O tempo custa a passar, e por volta das 22 horas as ruas ainda estão vazias. Continua sendo difícil imaginar a aglomeração da qual tanto falam. Subo as ladeiras em direção ao Quartel do 20, antigo amparo militar tombado e no qual hoje funciona uma escola. É lá que os farricocos se concentram antes da procissão. Para a minha surpresa, um enxame de jornalistas e fotógrafos toma conta do local. Do lado de fora, músicos aquecem seus tambores e entoam um canto barroco. É praticamente o único

Id qui niaepe  
poria esequent  
doluptatia  
consequi  
occupate et  
ped eum ullatur,  
omnit harchit,  
iumquam aut  
doleseque



som audível em toda a silenciosa Goiás, que a essa altura já tem sua iluminação pública apagada.

Saímos do Quartel e ganhamos as ruas ao redor da praça principal. Seguimos o rufar dos tambores e somos muitos. Os farricocos se organizam em três fileiras em frente ao ponto de partida oficial, a igreja Nossa Senhora da Boa Morte. Os flashes das câmeras fotográficas se misturam com as velas carregadas pelos fiéis. O sino toca à meia-noite e a procissão tem início.

Apesar de ser inevitável não remeter os capuzes pontiagudos à consagrada imagem dos seguidores da Ku Klux Klan, como ficaram conhecidas algumas organizações racistas norte-americanas, é importante saber que a vestimenta, assim como a motivação do cortejo em Goiás, tem origem muito mais remota: na verdade, era o traje de clérigos ibéricos na Idade Média (embora também associado a carrascos da Santa Inquisição e a outros contextos um tanto

nebulosos do passado religioso). No cortejo goiano, é claro, não se vê nenhuma inspiração racial ou sectária, mas sim expressões de fé vindas, em sua maioria, de homens do campo. As cores vibrantes ajudam a mandar para longe qualquer possível interpretação negativa remanescente.

De olho nesses sujeitos, acompanho a procissão de perto, tropeçando nas pedras irregulares das ruas. A marcha segue em direção à igreja do Rosário (erguida em 1734), onde uma encenação da Santa Ceia aguarda a multidão. Durante todo o trajeto, os integrantes do coro do Fogaréu modulam músicas barrocas, enquanto ressoam os tambores incessantes. É assim até a chegada à igreja de São Francisco de Paula, na qual se dá a prisão simbólica de Cristo, representada por um estandarte de linho do século 19, pintado em duas faces. Por fim, seguem para a igreja de São Francisco (construída em 1761).

O bispo Dom Eugenio Rixen celebra

Id qui niaepe  
poria esequent  
doluptatia  
consequi  
occupate et  
ped eum ullatur,  
omnit harchit,  
iumquam aut  
doleseque